EDUCAÇÃO E ENSINO DE HISTÓRIA: A VISÃO DA CRONISTA RACHEL DE QUEIROZ SOBRE O PÓS-GUERRA E A MULHER NA EUROPA[1]

EDUCATION AND TEACHING OF HISTORY: THE VISION OF FEATURE WRITER RACHEL DE QUEIROZ ON POSTWAR AND THE STATUS OF WOMEN IN EUROPE

EDUCACIÓN Y ENSEÑANZA DE HISTORIA: LA VISIÓN DE LA CRONISTA RACHEL DE QUEIROZ SOBRE EL POSTGUERRA Y LA MUJER EN EUROPA

Regma Maria dos Santos(*)

Resumo: Este texto tem como objetivo apresentar a possibilidade de utilizar, no ensino de História, a crônica escrita por Rachel de Queiroz em jornais e revistas da primeira metade do século XX. Apresentamos antes uma breve biografia da autora, enfocando o contexto de sua produção, e depois realizamos uma breve análise da crônica selecionada, sinalizando oportunidades para trabalhar com os estudantes. Este documento oferece uma leitura pessoal sobre certos temas e também uma percepção histórica mais ampla e mais crítica do mundo.

Palavras-chave: ensino de história, crônicas, Rachel de Queiroz

Abstract: This paper aims to present a possibility for history teaching, making use of chronicles written by Brazilian writer Rachel de Queiroz in newspapers and magazines of the first half of the twentieth century. Previously, we present an author short biography, focusing her context of production, then we briefly analyze the selected chronicles and point out opportunities to work with students. This document provides a personal reading on certain topics, and also a broader critical and historical perception of the world.

Keywords: teaching of history, chronicles, Rachel de Queiroz

Resumen: Este texto tiene como objetivo presentar la posibilidad de utilizar, en la enseñanza de Historia, la crónica escrita por Rachel de Queiroz en perió-

* Professora Associada da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Graduada em História pela UFU. Pós-doutorado em Educação pela UFU, com estágio na UAB – Universidade Autônoma de Barcelona. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Mestre em História pela PUC-SP. E-mail: regma.santos@gmail.com

[1] Esta é uma versão do trabalho apresentado no XI Congreso Cultura Europea(Barcelona – ES) com o apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamente de Pessoal de Nível Superior – Brasil) em outubro de 2011.

dicos y revistas de la primera mitad del siglo XX. Presentamos antes una breve biografía de la autora, enfocando el contexto de su producción, y después realizamos un breve análisis de la crónica seleccionada, señalizando oportunidades para trabajar con los estudiantes. Este documento ofrece una lectura personal sobre ciertos temas y también una percepción histórica más amplia y más crítica del mundo.

Palabras-clave: enseñanza de historia, crónicas, Rachel de Queiroz

A proposta deste texto é apresentar algumas reflexões e práticas que unem, interdisciplinarmente, a educação, a história e a literatura. Destacamos, especificamente da educação, destacamos a perspectiva do ensino e da literatura a crônica elaborada pela escritora Rachel de Queiroz.

Ao utilizarmos a crônica como recurso didático-pedagógico para o ensino de História, não podemos deixar de considerar as formulações do pesquisador Marcos Napolitano: "Em relação às fontes, para a História do século XX (e parte do XIX), os estudos de História Contemporânea não apenas contribuíram com novos objetos e problemas, mas, sobretudo, com novos documentos primários" (2004, p.170)

Assim, nesse processo de renovação, novas proposta de ensino estão se destacando e então surge a necessidade de incorporação de outras fontes do saber histórico. Entre elas, o cinema, a televisão, os quadrinhos, a literatura, o jornal, que abordam, por suas características específicas, as múltiplas vozes dos sujeitos históricos, dos acontecimentos cotidianos, em uma perspectiva micro e macro social. Como observa Hobsbawm:

> Não há nada de novo em escolher olhar o mundo por um microscópio, ao invés de um telescópio. Na medida em que concordamos que estamos estudando o cosmo, a opção entre o microcosmo e o macrocosmo é uma questão de escolha da técnica adequada. É significativo que um maior número de historiadores atualmente considere o microscópio muito útil, mas isso não significa necessariamente que rejeitem o telescópio como coisa ultrapassada. (HOBSBAWM, 1991, p. 45)

Pensamos ainda que a perspectiva de uma história cultural nos toca diretamente diante da possibilidade de uma história polifônica cujo desafio é escrever, ou compreender a história de vários pontos de vista. Como díria Peter Burke (2000) : " [...] tem de conter em si mesma várias línguas e pontos de vista, incluindo os vitoriosos e os vencidos, homens e mulheres, os de dentro e os de fora, de contemporâneos e historiadores". (2000, p. 267)

A crônica se insere, nesta perspectiva, como uma nova possibilidade de análise da produção de uma memória tecida cotidianamente nas páginas dos jornais e revistas. Ou seja, esta rica fonte documental permite uma leitura pessoal sobre determinados temas, possibilitando uma percepção história mais ampla e, ao mesmo tempo, crítica sensível do mundo.

Partindo destes pressupostos pretendemos trabalhar com a crônica de Rachel de Queiroz, buscando produzir resultados que explicitem a produção do conhecimento construído, bem como oferecer instrumentalização didática, assinalando novas perspectivas para o ensino de história em sua dimensão interdisciplinar.

Nosso objetivo, com este texto, é apresentar a possibilidade de utilizar crônicas de Rachel de Queiroz em uma oficina que possa ser feita com estudantes do ensino médio e superior. Para tanto, apresentaremos inicialmente uma breve biografia da autora procurando enfocar o contexto de sua produção, posteriormente apresentaremos uma breve análise da crônica selecionada e apontaremos possibilidades para o trabalho com os estudantes.

Traços biográficos de Rachel de Queiroz[2]

Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, capital do Estado do Ceará, no dia 17 de novembro de 1910. Era prima do consagrado escritor José de Alencar. Ainda muito jovem Rachel de Queirós mudou para o Rio de Janeiro em 1917. Posteriormente foi para Belém do Pará, local onde permaneceu durante dois anos. Retornou à Fortaleza e em 1925, com apenas 15 anos de idade, formou professora.

Rachel de Queiroz era muito dedicada aos estudos e à leitura. Em 1927 usando o pseudônimo "Rita de Queluz", enviou uma carta ao jornal *O Ceará*, o que resultou num convite para ser colaboradora do jornal, no qual, mais tarde passa a publicar folhetins.

Em 1930 a autora escreve uma das suas mais importantes obras *O Quinze*, que se trata de um romance de caráter social no qual aborda o drama da seca, mostrando a luta de um povo contra um inimigo impiedoso, cruel e invisível. Seu livro fez sucesso diante os críticos cearenses e logo foi enviado a São Paulo e Rio de Janeiro, lá também recebeu elogios de escritores consagrados como, Augusto Frederico Schmidt e Mário de Andrade. O livro adquiriu tamanha repercussão que a escritora foi elevada a *status* de personalidade literária.

Em março de 1931 recebe o prêmio de romance da Fundação Graça Aranha. Conheceu lideres do Partido Comunista, e após retornar ao Ceará dá a sua contribuição para a fundação do partido na capital do estado. No ano seguinte casa-se com o poeta José Auto da Cruz Oliveira. Neste mesmo ano é declarada pela polícia política de Pernambuco como "agitadora comunista".

Seu segundo romance estava pronto para ser publicado, porém o Partido Comunista não aprova seu livro, porque em uma passagem um operá-

[2] Estas informações biográficas foram retiradas de: http://www.pactoaudiovisual.com.br/mestres_final/raquel/vida_e_obra.htm , acessado em agosto de 2011; Cadernos de Literatura Brasileira, n.4, set. 1997 – Rachel de Queiroz.

rio mata outro. Sem pensar duas vezes ela recolhe com os originais do livro e rompe com o partido. A autora publica o livro pela editora Schmidt, no Rio de Janeiro. Posteriormente muda-se para São Paulo, onde se aproxima do grupo trotskista.

Em Fortaleza no ano de 1933 nasceu sua filha Clotilde, que mais tarde morreria vítima de septicemia. Mudou-se para Maceió, em 1935, onde fez amizade com Jorge de Lima, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e com o jornalista Arnon de Mello. Em 1937 lança o romance *Caminho de Pedras*.

Com o surgimento do Estado Novo, seus livros foram queimados em Salvador junto aos livros de Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Perseguida, a escritora foi presa, permanecendo na sala de cinema do quartel do Corpo de Bombeiros de Fortaleza durante três meses, por ser apontada pelas autoridades como subversiva. Em 1939, separou-se de seu marido e muda-se para o Rio, onde publicou seu quarto romance, *As Três Marias*. Em 1940 conheceu o médico Oyama de Macedo, com quem se casou, o casamento duraria até à morte do marido, em 1982. O assassinato de Trotsky por ordem de Stalin faz com que ela se afaste da esquerda.

Em 1944, Rachel trocou os jornais *Correio da Manhã*, *O Jornal* e *Diário da Tarde*, pela revista *O Cruzeiro*, onde permaneceu até 1975. Passou a residir na Ilha do Governador, em 1945. Em 1948 publicou *A Donzela e a Moura Torta*. No ano de 1950, escreve em quarenta edições da revista *O Cruzeiro* o folhetim "O Galo de Ouro". Em 1953, sua primeira peça de teatro "Lampião" foi montada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e no Teatro Leopoldo Fróes, em São Paulo. Em 1958 Rachel de Queiroz foi convidada, pelo então presidente da República Jânio Quadros, para ocupar o cargo de ministra da Educação, entretanto ela recusa, com justificativa de que gostaria de continuar sendo apenas jornalista.

A partir de 1964 algumas obras de Raquel começam a ser publicadas no exterior. O livro *As Três Marias*, com ilustrações de Aldemir Martins, em tradução inglesa, foi lançado pela University of Texas Press. O livro *O Quinze*, é publicado no Japão pela editora Shinsekaisha e na Alemanha pela Suhrkamp (1978).

Em 1966 o presidente general Humberto de Alencar Castelo Branco, a nomeou para o cargo de delegada do Brasil na 21ª. Sessão da Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, junto à Comissão dos Direitos do Homem. Em 1967 passou a integrar o Conselho Federal de Cultura.

Em 1969 estréiou na literatura infanto-juvenil, com *O Menino Mágico.* Em 1986 publicou *Cafute & Perna-de-Pau*, outra obra voltada para o público infantil. Em 1975, publicou o romance *Dôra, Doralina*, também editado na França pela editora Stock.

Em 1977, Rachel de Queiroz tornou-se a primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras. Neste mesmo ano estreiou na Rede Globo de Televisão uma novela baseada no romance *As Três Marias*. Em 1994 es-

treiou também na Rede Globo de Televisão a minissérie *Memorial de Maria Moura*, adaptada da obra da escritora. Em 1981 com direção de Perry Salles, estreiou no cinema a adaptação de *Dôra, Doralina*.

Já tendo nome reconhecido nacionalmente e internacionalmente e suas obras divulgadas por diversos meios de comunicação, a escritora tornou-se alvo de homenagens, em 1985 foi inaugurada em Ramat-Gau, Tel Aviv (Israel), a creche *Casa de Rachel de Queiroz*, ano em que também é publicado *O Galo de Ouro*.

Em 1989 a José Olympio Editora lançou sua *Obra Reunida*, em cinco volumes, com todos os livros da escritora voltados para o público adulto. Em 1993, recebeu de Portugal o *Prêmio Camões* e da *União Brasileira de Escritores*, o *Juca Pato*. Pelo conjunto de sua obra, em 1996, recebe o *Prêmio Moinho Santista*. Em 2000 recebe o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Em 2003, é inaugurado em Quixadá (CE), o *Centro Cultural Rachel de Queiroz*.

Rachel de Queiroz, afirmava que escrevia para seu sustento, buscando incorporar a linguagem que ouvia e falava em seu ambiente aos seus textos. No dia 04 de novembro de 2003, a escritora faleceu no Rio de Janeiro.

Apresentaremos a seguir algumas temáticas que podem ser exploradas nas crônicas da autora no ensino de história, levando em conta as formulações que Paulo Ronái elabora ao apresentar o vol.4 das *Obras Escolhidas* de Rachel de Queiroz:

> A designação de crônica, elástica, encobre contos, perfeitos em sua estrutura concisa; perfis de tipos esquisitos e de indivíduos singulares, vistos com sátira ou ternura igualmente contagiosas; divertidos flagrantes cariocas, reveladores da graça sutil e do espírito galhofeiro da cidade que a escritora adotou; exatas imagens do Ceará, sua terra natal, legítimos documentos de ecologia, de folclore, de psicologia regional; meditações sob forma de conversa leve, em que a moralista, sem ilusões e sem fé, mas conservando o amor às criaturas, lhes ensina a difícil arte de viver e a, mais difícil ainda, de morrer.(RONÁI, 1989, p.vii).

A crônica e as temáticas do pós-guerra e a situação da mulher na Europa

Beatriz Sarlo em seu livro "Tempo presente" faz uma interessante observação sobre a possibilidade apresentada na contemporaneidade da construção de uma história do cotidiano. "Como se trata da vida cotidiana, as mulheres (especialistas nessa dimensão do privado e do público) ocupam uma parcela relevante do quadro. Esses sujeitos marginais, que teriam sido relativamente ignorados em outros modos de narração do passado, demandam novas exigências de métodos e tendem à escuta sistemática dos 'discursos de memória': diários, cartas, conselhos, orações." (SARLO, 2007,

p.17). Acrescentamos à esses discursos da memória também a crônica produzida por uma literata.

Uma temática interessante que percorre toda a produção de Rachel de Queiroz é justamente sobre a mulher. Não por acaso várias personagens dão títulos a algumas de suas obras mais importantes, como: *Memorial de Maria Moura; Dora, Doralina; As três Marias; A donzela e a moura torta; A beata Maria do Egito.* Sempre reverenciada por ser a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, a cronista representou com maestria suas preocupações e interesses pelo modo de vida das mulheres, seus hábitos cotidianos e sua atuação social.

Na crônica que selecionamos para análise "Viagem à Europa" de junho de 1946, a autora levanta uma série de questões sobre as mulheres europeias no pós-guerra. Vejamos:

> Se eu tivesse dinheiro e consentimento de quem me manda, faria agora uma viagem à Europa. Seria uma espécie de visita de pêsames, tão do uso ainda nas nossas províncias; o parente de nojo, no quarto escuro de janelas fechadas em sinal de luto, semideitado numa rede ou atirado num sofá, e em redor a turma bisbilhoteira e compungida de primos e amigos que já foram ao enterro, irão à missa de corpo presente, mas não se fartam e continuam a ladainha: 'Como foi? Que pena, tão moço! Mas o céu está melhor que nós... (QUEIROZ, 1989, p. 10)

Na introdução da crônica observamos que a autora revela o seu desejo de fazer uma viagem à Europa, mas ao que parece precisa do consentimento de quem manda nela, o que pode indicar uma dependência financeira, política ou mesmo familiar e afetiva. Logo após esse preâmbulo a autora descreve essa viagem imaginária como uma "visita de pêsames", como se usa fazer no Brasil, e descreve esse ritual tão comum de reencontrar pessoas nos velórios, comentar como anda a vida, a lamentar a morte e, ao mesmo tempo, confortar os que sofrem. Continuando a crônica, de forma poética, anuncia: "Assim eu, na Europa: iria assistir ao final do velório, o varrer das folhas murchas, dos pingos de cera no chão." (QUEIROZ, 1989, p. 10)

> Não será por irreverência que faço essa comparação. É a única que me ocorre ao tentar supor o que será a vida nesse continente que sofreu o pior do que mil terremotos, abalado na sua carne mais íntima por milhões de toneladas de explosivos, vendo as suas cidades que não eram como a maioria das nossas – simples amontoados de casas tão novas que ainda nem tem fisionomia própria – mas relíquias de um passado de mil anos. Igrejas, museus, palácios, estátuas que já atravessaram centenas de guerras, reduzidas agora a montões de caliça. (QUEIROZ, 1989, p. 10)

O fim da guerra deixa, na opinião da cronista, fragmentos, restos, caliças. Ela ressalta a longevidade da Europa, suas casas, palácios, monumentos milenares e centenários transformados em pó. Mas, conjectura:

> Contudo, o meu destino não seria ver as ruínas – a tanto não vai minha necrofilia; ou antes, digamos que não seria apenas ver as ruínas. Iria ver especialmente o povo, e entre o povo as mulheres – ver como se porta nessa hora dramática a mulher, menina, jovem, mãe de família, avó e mulher da vida.
> A sugestão desse inquérito me foi feita por um amigo: e desde então me martela a cabeça, num impulso que é ao mesmo tempo de curiosidade e de solidariedade – vontade de ver e vontade de ajudar – como se me fosse possível ajudar.
> (QUEIROZ, 1989, p.11)

Sua visita tem então o propósito de, não somente de observar de perto a situação da mulher na Europa, mas também ajudar o povo. No entanto ela tem consciência de suas limitações. Logo depois a autora começa a mostrar a visão positiva que tem da mulher europeia.

> Até a guerra de 39 era a mulher européia , entre os povos da mais alta civilização, a que nos parecia mais protegida, mais resguardada por leis e tradições, mais chegada à sua condição de mulher – ligada milenarmente à terra, aos filhos, à casa, a esse complexo de coisas abstratas e concretas que se chama lar. Salvo a mulher soviética, naturalmente.
> Mas o caso da Rússia já será outro, os dados do seu problema bem diversos. (QUEIROZ, 1989, p. 11)

A autora chama atenção para a importância da mulher européia porque lhe parecia exemplar para todas as mulheres do mundo, mas depois da guerra queria lhes fazer as seguintes questões:

> Como viverão atualmente as mulheres da Europa? Quem zelará pela moral das donzelas? Quem lhes vigiará os namoros, as conversas noturnas, os beijos furtivos? Ou será que já não existem mais donzelas? Como se arranjarão as moças que amaram soldados e ficaram com um filho como lembrança desses amores – mormente aqueles que amaram soldado inimigo? Serão como estranhas entre os seus, ou, na miséria comum, se esquecem agravos e pecados? Que terão feito as esposas nas longas ausências que foram iguais a uma viuvez, com o companheiro dado como morto, perdido, aprisionado, combatendo na África, no céu ou nas águas do mar, ou amontado nas montanhas, lutando em guerrilhas? (QUEIROZ, 1989, p.11)

Todas estas questões se referem ao vasto e complexo universo feminino: a moral, o namoro, os beijos, os filhos, o pecado, o desejo, a espera. Mas ela ainda quer saber mais e pergunta:

> Quando eles voltaram como se terão recompostos os casais apartados , quais terão sido os problemas de perdão? Quem sabe talvez os heróis de regresso tão sedentos vinham de companhia e de amor que passaram uma esponja sobre o passado, sem querer saber, sem querer ouvir, vivendo vida nova , como se a sua união houvesse nascido naquele dia. Provavelmente não haverá uma regra para esses casos e as soluções hão que ser todas individuais. Enquanto João perdoa e ama, o seu vizinho rói-se de ciúmes, mata ou abandona. Sempre foi assim neste mundo.
> Mas na verdade será uma experiência única conhecer de perto um punhado dessas soluções e medir em tal emergência a profundidade da alma humana, ver a quanto chega sua grandeza e sua pequenez, ao enfrentar esses dramático problemas que nenhum código, nenhuma lei, nenhuma religião prevê. Creio que situação semelhante só houve na Europa por ocasião das Cruzadas, durante as grandes migrações masculinas para a Terra Santa: mas então as massas humanas eram outras, em proporções e em sentimentos. E, assim, mesmo, Deus sabe lá o que houve. (QUEIROZ, 1989, p.12)

A curiosidade da autora a leva a formular situações hipotéticas nas quais a traição, o perdão, os ciúmes e a morte são atitudes possíveis. Diante dessas considerações sobre os sentimentos humanos a cronista tem preocupações com questões essenciais como a casa e a alimentação. Temas fundamentais e de responsabilidade das mulheres, ou seja, abrigar e nutrir a família.

> E, além do mais, a coisa ainda não parou: porque a miséria continua, ou antes, piora. Nada foi resolvido, nem sequer os dois problemas essenciais, do da habitação e o do alimento.
> Quem fala em habitação fala em lar – e afinal qual será a definição verdadeira de lar? Lar são as quatro paredes de uma casa, ou lar é o local onde vive a mulher, a mãe, a companheira? Como arranjarão os seus lares em buracos do chão, junto às paredes em ruínas, em subterrâneos e celeiros, aquelas meticulosas *Hausefraus* alemãs, que traziam sua casa areada e limpa como um alfinete, as paredes cheias de quadrinhos bucólicos, as prateleiras carregadas de bibelôs e recordações, e onde até as panelas da cozinha eram como as jóias, transmitidas por herança? Que será feito de suas receitas de tortas de doces, como certa receita de torta de chocolate que uma conhecida alemã me recusou, alegando que era um legado de família, transmitida de mãe para filha desde a sua bisavó e conservada em segredo de geração em geração, como o roteiro de um tesouro? Que será feito de todas as receitas preciosas, inúteis ou perdidas? Receitas de *souflle* de amêndoas, quando agora não há sequer pão preto e leite para matar a fome das crianças? (QUEIROZ, 1989, p.12)

No fragmento acima a autora lança novas questões sobre as casas que têm de ser reconstruídas e o esforço que se exigirá para que a rotina do lar

seja reestabelecida, perguntando sobre livros de receitas, e a decoração das casas, e mais ainda sobre a experiência e a tradição que deveriam ser repassadas de geração em geração.

> E as mulheres que lutaram, que se habituaram à liberdade, à irregularidade da vida de soldado, como voltarão ao lar, como obedecerão os pais, se acharam os pois; ou aos maridos, quando têm os maridos de volta?
> Também aquelas que perderam tudo, marido, filhos, família, casa, como estarão se recompondo? Algumas, como o servo de Deus, Jó, talvez esperem que a mão do Senhor desça de novo sobre elas e lhes dê oportunidade de recompor tudo, amar novos homens, dar à luz a novos filhos, reconstruir novas casas. Mas haverá também aquelas que nada mais esperam e se entregam ao desespero. Que será feito dessas? (QUEIROZ, 1989, p. 12)

As perguntas continuam e mostram que a cronista deseja saber todos os detalhes cotidianos da vida das mulheres: como ficaram diante da volta de seus maridos e pais, já que se acostumaram à liberdade. Logo depois a escritora volta a falar das crianças:

> E ainda há as crianças, Senhor, as crianças, todo o maltratado mundo de crianças nevrosadas pela guerra, tornadas adultas antes do tempo, semifamintas ou totalmente famintas, muito semelhantes, decerto, àqueles pequenos flagelados, só barriga e ossos, que nos habituamos a ver nos bandos de retirantes do Nordeste. Crianças que vagueiam pelos campos escavacados, pelas ruínas povoadas de fantasmas, que não esperam de ninguém nem comida nem carinho, crianças nascidas na guerra e para as quais a paz entre os homens é uma estranha novidade. (QUEIROZ, 1989, p. 12)

Rachel de Queiroz descreve, por fim, a situação das crianças e os compara aos pequenos brasileiros que vivem a seca no nordeste A autora pondera que para as crianças que nasceram na guerra a paz é uma novidade e conjectura também sobre a possibilidade de adoção de meninos órfãos por mães órfãs de filhos. Mas ela sabe que nada é capaz de ocupar o lugar de um filho morto. Podemos pensar, sobre isso, na própria biografia da autora alimentando suas reflexões já que sua filha Clotilde morreu ainda criança de septcemia poucos anos antes da escrita desta crônica.

> Seria um milagre da natureza humana se as crianças órfãs de pais se fossem reunir às mães órfãs de filhos. Mas o amor é coisa exigente e específica, e dez órfãos adotados não enchem no coração o lugar de um único filho morto. Antes se sente ressentimento contra os que ficaram, ao pensar que são tantos, tão excessivos, tão abandonados, soltos e sem dono como gatos de rua, e assim mesmo vivem e crescem; enquanto aquele que era adorado e úni-

> co teve que ser atirado à terra como se ninguém o quisesse mais. (QUEIROZ, 1989, p.13)

Por fim a autora encerra a crônica desconfiada de que lição este olhar para a Europa pode nos dar:

> Não sei qual a tremenda lição que a nós, de tão longe e relativamente tão bem amparados ainda, nos daria essa visão da Europa. Talvez nos ensinasse um novo heroísmo; e talvez também nos contagiasse com seu desespero. (QUEIROZ, 1989, p.13)

A crônica aborda então o sofrimento e a perda pela população da Europa de suas casas, monumentos, igrejas, mas também do conforto do lar, das relações pessoais de afeto, do cotidiano. Tudo tem de ser reconstruído, não apenas o que é material, mas também o que é sensível. As relações entre marido e mulher, entre pais e filhos. É preciso um lar para as crianças, afeto e comida para os que voltaram famintos e sedentos. Não por acaso a autora escolhe as mulheres para fazer estas perguntas, sejam elas, mães, avós, meninas, jovens, ou mulheres da vida. Seu papel é fundamental nesse momento.

Dialogando com a crônica acima poderíamos apresentar também o filme (ou trechos) *A Escolha de Sofia* que conta a história de Sofia (Meryl Streep), sobrevivente de um campo de concentração nazista que vive em Nova York, poucos anos depois do fim da Segunda Guerra. Ela vive com Nathan (Kevin Kline), um homem obcecado com o holocausto. Vizinho dos dois, o escritor Stingo (Peter MacNicol) se apaixona por Sofia e é para ele que ela vai contar sua triste história. O filme é narrado em *flashback* por Stingo e foi baseado no romance de Wiliam Styron.

O filme revela bem uma das preocupações centrais da autora nessa crônica, ou seja, como as mulheres que sobreviveram à guerra lidaram com as ruínas, os fragmentos, as perdas, e a impotência diante da necessidade de fazer escolhas.

Creio ser bastante intrigante pensar que todas as questões colocadas pela cronista no calor da hora, não pudessem ser respondidas, ou sequer pensadas pelos próprios europeus. Se tomarmos como referência as considerações de Pollack, compreenderemos que o silêncio passou também a ser uma estratégia de sobrevivência no pós-guerra, mas a necessidade de transmitir essa memória volta à tona, décadas depois:

> A essas razões políticas do silêncio acrescentam-se aquelas, pessoais, que consistem em querer poupar os filhos de crescer na lembrança das feridas dos pais. Quarenta anos depois convergem razões políticas e famíliares que concorrem para romper esse silêncio: no momento em que as testemunhas oculares sabem que vão desaparecer em breve, elas querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento. E seus filhos, eles também, querem saber, donde a proliferação atual

> de testemunhos e de publicações de jovens intelectuais judeus que fazem 'da pesquisa de suas origens a origem de sua pesquisa'. Nesse meio tempo, foram as associações de deportados que, mal ou bem, conservaram e transmitiram essa memória. (POLLAK, 1993, p. 7)

Uma interessante experiência voltada para a história das mulheres e a guerra é o projeto *Les dones del 36* que resultou na elaboração de um material didático pelos professores Neus Gonzáles, Jordi Nomen e Joan Pagès da Universitat Autònoma de Barcelona. Através do testemunho das mulheres de 1936 os autores propõem aos alunos analisar e valorizar o papel das mulheres na guerra civil espanhola, comparando aquelas vivências com a situação atual da mulher na Catalunia, na Espanha e no mundo.

Segundo os autores os alunos poderão compreender: "les dones i, en particular, les dones joves – davant um fet tan violent com és uma guerra civil, davant d´un atempptat em forma de cop d´estat contra l' ordre politic legalment constituit – la Segona República – per parte d´un grup de militars encapçalats pel general Franço".[3](GONZÁLES, NOMEN, PAGÈS, 2010, p.13).

Nesse sentido, podemos apontar aqui alguns temas para que o professor trabalhe com os alunos numa oficina que tenha como ponto de partida a crônica analisada: - a situação dos países atingidos pela guerra com relação ao seu patrimônio arquitetônico; aos seus monumentos; ao retorno dos que foram para frente de batalha e sobreviveram; a questão da mulher e sua relação com o retorno ou não dos filhos, maridos, amantes; as crianças órfãs, abandonadas à própria sorte; a reconstrução do cotidiano no pós-guerra; a memória da guerra e do holocausto; a participação do Brasil na guerra[4].

Nesse momento, com o objetivo de estimular a prática da escrita e da leitura, seria interessante propor que esses alunos escrevam suas crônicas, abordando suas experiências pessoais, familiares e do grupo social ao qual pertencem. Seria interessante que fosse enfocada a questão da guerra e sua conseqüência para as mulheres naquele período, como se elaborassem uma resposta às questões levantadas pela autora.

Esse exercício pretende despertar o interesse pela leitura e pela escrita de um texto literário como documento histórico, como também ampliar a percepção sobre a importância da memória e da história, atentando-se para a relação interdisciplinar entre literatura e história, a partir da contextualização e análise das mesmas. Acreditamos que:

[3] Tradução livre: "as mulheres, e em particular, as mulheres jovens – diante de um fato tão violento como é uma guerra civil, diante de um atentado em forma de golpe de estado contra a ordem política legalmente instituída – a Segunda República – por parte de um grupo de militares encabeçados pelo General Franco".

[4] Sobre esse tema ver: ALVES, 2002; FERRAZ, 2005 e STEINFUS, 2000.

> É nas relações entre professores, alunos, saberes, materiais, fontes, suportes que os saberes são, de fato, reconstruídos. Assim, transposição, mediação e reconstrução didática não devem ser tomadas como meras e puras simplificações, adequações ao nível da realidade do ensino, mas como um processo dinâmico de recriação dos saberes nas relações entre os sujeitos, o conhecimento e o mundo!(FONSECA, BORGES e SILVA JÚNIOR, 2007, p.41)

Partindo desse panorama, apostamos nas possibilidades, e na inovação do ensino de história, com a utilização e a análise de crônicas. No entanto, conforme as considerações de Napolitano, reiteramos que:

> O desafio de qualquer renovação de ensino é não ser feita à custa do conteúdo informativo básico das disciplinas (o que, quem, onde e quando), sem o qual as análises mais estruturais e processuais podem cair no vazio. [...] a História, sendo um campo de conhecimento ligado, atavicamente, à erudição, não pode prescindir de uma base informativa sólida, em que os processos, configurações, estruturas e temporalidades devem ser percebidos criticamente. (NAPOLITANO, 2004, 178)

Consideramos, por fim, que ao lado da crônica/documento, faz-se necessário uma bibliografia sobre o tema, que pode ser levada pelo professor, bem como pesquisada pelos alunos. Essa bibliografia deve, aliada a outras fontes, como aqui citamos o cinema, colaborar para a problematização e o aprofundamento de sua análise.

Encerrando estas reflexões concordamos com Sérgio Bairon quando diz que as propostas interdisciplinares "devem procurar respeitar as opiniões prévias que estão subjacentes à legitimação de sua narrativa. Inevitavelmente, os cuidados metodológicos são importantes no que diz respeito às opiniões prévias que estão subjacentes à legitimação de sua narrativa.

Referências

ALVES, Vágner Camilo. **O Brasil e a segunda guerra mundial**: história de um Envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

BAIRON, Sérgio. **Interdisciplinaridade**: educação, história da cultura e hipermídia. São Paulo: Futura, 2002

BLENDER, Flora e LAURITO, Ilka. **Crônica**: *História, Teoria e Prática*. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leitura. In: Hunt, Lyn (org) **A nova história cultural**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes.

FERRAZ, F. C. Alves. **Os brasileiros e a segunda guerra mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**. Experiências, reflexões e aprendizados. Campinas, São Paulo. Papirus, 2005.

FONSECA, Selva Guimarães; BORGES, Vilmar J. e SILVA JÚNIOR, Astrogildo Fernandes da. Ensinar Geografia e História: relação entre sujeitos, saberes e práticas. In: FONSECA, Selva Guimarães. (org.) **Currículos, saberes e culturas escolares**. Campinas,SP: Editora Alínea, 2007, p.31-60.

GONZÁLES, Neus; NOMEN, Jordi i PAGÈS, Joan. **Les dones del 36**. Barcelona: Institut d'Éducació de l'Ajuntament de Barcelona, 2010.

HOBSBAWM, Eric. O ressurgimento da narrativa: alguns conentários. **RH – Revista de História**, n.2/3, Campinas –SP: Gráfica IFCH/Unicamp, 1991.

MARCDONDES, Beatriz; MENEZES, G. e TOSHIMITSU, T.**Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo: Ed. Contexto, 2008

NAPOLITANO, Marcos. Pensando a estranha história sEn fim. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 01. 2. n. l, 1989, p. 3 - 15.

QUEIROZ, Rachel de. **Obra Reunida**. Vol.5. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

SANTOS, Regma Maria dos. E NASCIMENTO, Edna M.P. da Silva, A pesquisa e o ensino de história: a crônica e a leitura do cotidiano. **Cadernos de História**. Uberlândia, v. 15, n.1, p 37-46, set. 2006/set. 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras/ Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

STEINFUS, Ricardo. **A entrada do Brasil na segunda guerra mundial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

Artigo recebido em 25/09/2012, aceito para publicação em 02/01/2013